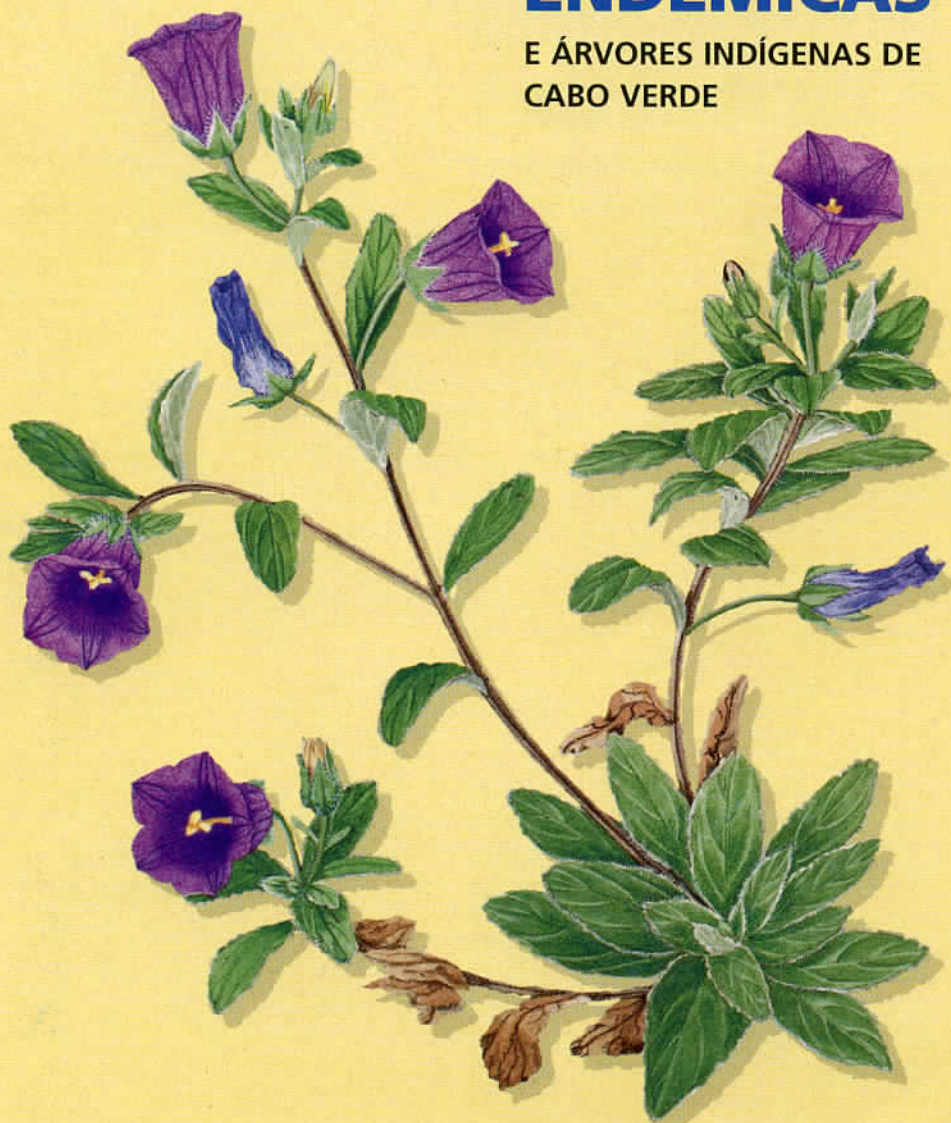


REPÚBLICA DE CABO VERDE



PLANTAS ENDÉMICAS

E ÁRVORES INDÍGENAS DE
CABO VERDE



PLANTAS ENDÉMICAS

**E ÁRVORES INDÍGENAS DE
CABO VERDE**

1995

**Instituto Nacional de Investigação
e Desenvolvimento Agrário,
„Departamento Ciências do
Ambiente“, S. Jorge dos Orgãos,
República de Cabo Verde e
Deutsche Gesellschaft für
Technische Zusammenarbeit
(GTZ) GmbH
Cooperação Técnica Alemã**

O financiamento deste livro só foi possível graças à Cooperação Técnica Alemã – Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH

Co-produção do Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (Cabo Verde), do Instituto Botânico e Jardim Botânico da Universidade de Bona (Alemanha) e da Cooperação Técnica Alemã (Praia)

Textos: Isildo Gomes, Samuel Gomes e Maria Teresa Vera-Cruz (INIDA), Norbert Kilian (Berlim), Teresa Leyens e Wolfram Lobin (Bona)

Ilustrações a côr: Petra Leyens, Kay Rees-Davies

Tradução do alemão: Ana Maria de Oliveira Lima

Coordenação: Jan-Uwe Heckel

Produção Gráfica: GINGCO

Werbeagentur, Braunschweig

Tiragem: 20.000 exemplares (Maio 1995)

Para mais informações dirija-se ao Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário, Departamento Ciências do Ambiente, C. P. 84, Praia
Telefone: (238) 71 11 47
Fax: (238) 71 11 33

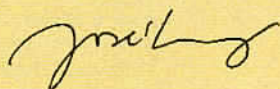
Prefácio

Cabo Verde sempre contou com um número muito escasso de espécies vegetais. Por estarem submetidas a factores naturais, como os erosivos, e às acções nefastas do Homem, algumas espécies da vegetação natural, muito importantes sob o ponto de vista sócio-económico e científico, estão seriamente ameaçadas de extinção. Neste presente momento, a intervenção do Homem é determinante para a alteração da situação desses recursos naturais, contribuindo para a reversão da situação. A atitude de cada um de nós na conservação dessas espécies determina a contribuição que elas poderão dar ao desenvolvimento sócio-económico, através da sua utilização na medicina tradicional, no desenvolvimento do turismo especializado e na alimentação da vida animal selvagem e doméstica.

Por isso, torna-se necessário a publicação deste manual com imagens ilustradas, que aliás, já se fazia sentir há muito tempo, e que irá permitir aos agentes de desenvolvimento rural, alunos, professores e ao público em geral o conhecimento de algumas espécies endémicas e outras do nosso património vegetal, contribuindo, deste modo, para a sua preservação.

S. Jorge dos Orgãos, Maio de 1995.

O Presidente do INIDA



José Gabriel Vitória Levy

Estrutura e Crescimento da Planta



As principais partes da planta são a raiz o caule e a folha (Fig. 1).

A raiz ramifica-se no solo. Ela fixa a planta e abastece com água e os minerais necessários.

O caule traz as folhas para a luz. Segundo a forma de crescimento diferenciam-se três grandes grupos: Árvores, arbustos e ervas (Fig. 2).

As folhas encontram-se distribuídas pelo caule ou aglomeradas em tufos, formando rosetas foliares. Em algumas plantas as folhas são minúsculas e caem rapidamente, de

modo que, como na Gestiba, se fica com a ideia de que não têm folhas nenhuma. As folhas também podem armazenar água sendo, em consequência, sólidas e grossas. Fala-se neste caso de folhas suculentas. As brácteas são uma forma especial de folhas.

Árvores (Fig. 2a) são geralmente muito grandes, têm um tronco lenhoso e apresentam uma copa. As palmeiras são um tipo especial de árvore, pois em vez de copa apresentam um tipo de poupa de folhas grandes.

Arbustos (Fig. 2b-d) são plantas lenhosas que se ramificam já na base e que, por isso, não formam um tronco. Muitos têm um crescimento semi-circular ou em forma de tufo. Uma forma também muito frequente, é a dos arbustos cujas as folhas se encontram dispostas em rosetas, na extremidade dos ramos (Fig. 2d).

Ervas (Fig. 2e-f) não têm um caule lenhoso. Podem ser anuais, se vivem apenas um ano, perenes, se vivem alguns anos, ou vivazes, chegarem a atingir muitos anos. Entre as ervas e os arbustos há várias formas de transição.

Por terem clorofila, as plantas podem, através das suas folhas, frequentemente grandes, produzir matéria orgânica a partir da água e do dióxido de carbono. O homem e os animais, não são capazes de elaborar os seus alimentos, tendo necessidade das plantas para poderem absorver esses elementos.

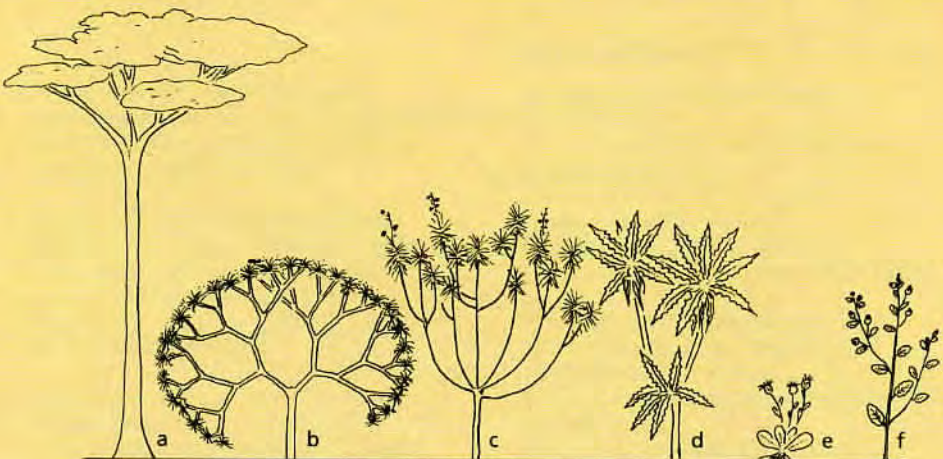




Fig. 3

As flores podem ser visivelmente coloridas e grandes ou também muito minúsculas ou mesmo invisíveis, como acontece com as gramíneas. No entanto constituem sempre órgãos especiais, responsáveis pela reprodução da planta (Fig. 3).

As sépalas são geralmente verdes, aderentes ou separadas e têm como papel principal a protecção das flores jovens.

As pétalas muitas vezes têm de atrair insectos, sendo por isso, na maior parte das vezes, grandes e coloridas. Elas também podem estar separadas ou aderentes formando tubos estreitos. Muitas espécies ou só têm pétalas ou só sépalas. As sépalas e as pétalas cercam os estames. Os estames e os carpelos são importantes para a reprodução da planta. Só depois do pólen contido nos sacos de pólen dos estames duma flor, ter atingido o estigma de outra flor, é que, algum tempo depois, aparecerá um fruto. Este processo de transporte de pólen, denominado polinização, é geralmente feito por insectos, p. ex. borboletas, abelhas, moscas e escaravelhos, por vezes pelo vento e em outros países, também pelos vertebrados, aves e morcegos. Os insectos são atraídos pelas plantas, frequentemente, através do néctar, uma seiva adocicada, ou então comem uma parte do pólen. Frequentemente as flores, principalmente quando são pequenas,

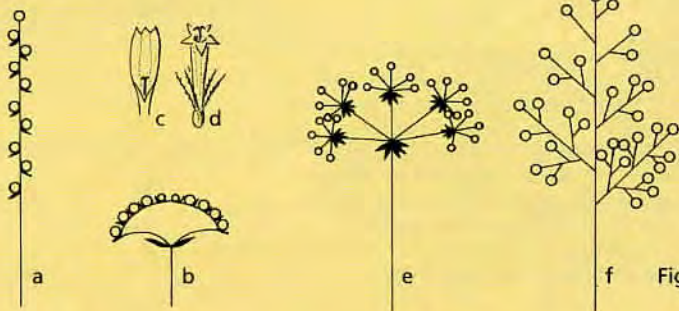


Fig. 4

juntam-se formando o que se chama uma inflorescência. Os tipos de inflorescências mais importantes, são as rosetas, típicas para as Asteráceas, as paniculas e as umbelas (Fig. 4).

Rosetas (Fig. 4b) são semelhantes a pequenos cestos, nos quais se encontram muitas flores isoladas, minúsculas, rodeadas, geralmente, por pequenas folhas verdes. A corola de uma flor ou tem a forma de língua sendo, neste caso, denominada flor linguiforme (Fig. 4c) ou de tubo e é denominada flor tubular (Fig. 4d). Em muitas espécies, as flores linguiformes encontram-se na margem da roseta e no interior, encontram-se as flores tubulares.

Numa umbela, os pecíolos de cada flor partem dum só ponto. Quando na extremidade dos pecíolos não se encontram flores mas sim, de novo, vários pecíolos que, por sua vez, irão suportar as flores, fala-se de uma umbela composta, como p. ex. no Funcho (Fig. 4e).

Uma panicula (Fig. 4f) é um tipo de inflorescência muito ramificada, em que as hastes laterais estão de novo ramificadas. Numa espiga, as folhas inserem-se, sem pedúnculo, na axila de pequenas folhas num longo pecíolo floral. Podem estar inseridas individualmente ou em grupo (Fig. 4a).

Flora e Vegetação

As ilhas têm, em comparação com os continentes, um menor número de espécies de plantas. Em geral é facto que, quanto mais longe do continente estiver uma ilha, tanto menor é o número de animais e plantas que até ela chegaram. Esta situação também é válida para Cabo Verde, sendo aqui o número reduzido de espécies, também uma causa do facto de Cabo Verde se encontrar na zona do Sahel.

O arquipélago de Cabo Verde surgiu há milhões de anos através de actividades vulcânicas. Assim que as ilhas emergiram à superfície do mar, chegaram até elas, através do vento, de aves e de correntes marítimas, espécies de animais e plantas. Apenas a algumas foi possível o estabelecimento e a disseminação. Todas essas plantas, que chegaram às ilhas sem a acção do homem e aí se estabeleceram, são denominadas plantas indígenas. Muitas espécies de plantas modificaram-se ao longo do tempo, devido às condições especiais a que foram submetidas em Cabo Verde, sendo hoje tão diferentes dos seus antepassados que são consideradas espécies ou géneros específicos. Assim, existem nas ilhas de Cabo Verde cerca de 90 dessas espécies, que não se encontram em nenhuma outra parte do mundo. Estas espécies, são denominadas endémicas. Segundo as diferentes exigências das plantas indígenas e endémicas, em relação à humidade, à temperatura, ao solo e à radiação solar, diferentes espécies colonizaram diferentes espaços vitais. Com isso surgiram formas de vegetação características, adaptadas de modo óptimo às respectivas áreas (Fig. 5). A estas formas de vegetação adaptaram-se por sua vez os animais, desenvolvendo-se nas diferentes zonas biocenoses complexas e únicas.

A vegetação natural é caracterizada, sobretudo, pela água disponível. Em Cabo Verde são importantes, sobretudo, as nuvens trazidas pela monção de nordeste, pois trazem, principalmente nas zonas altas, nevoeiro e frequentemente chuvas. Quanto mais uma região estiver à sombra do vento, mais seca ela é. As zonas montanhosas foram, revestidas, no passado, por uma vegetação arbustiva. As comunidades

vegetais desta formação arbustiva, diferenciam-se, relativamente à composição de espécies, em função da ilha, da altitude e da humidade. Uma das espécies mais frequentes das ilhas montanhosas foi o Tortolho. Nas encostas húmidas das montanhas expostas à monção, à altura da camada de nuvens, a vegetação arbustiva era mais densa e o Tortolho atingia 2-4 m de altura. Em Sto. Antão, S. Nicolau, Santiago e Fogo o Dragoeiro sobressaía, regularmente, no meio das comunidades de Tortolho.

Na vegetação arbustiva das zonas, ligeiramente menos húmidas, de Sto. Antão, Santiago e Fogo a Losna desempenhou um papel importante. Aqui, para além desta espécie, também desempenhou um importante papel a Língua-de-Vaca e em Santiago e na Brava uma espécie diferente também conhecida por Língua-de-Vaca. Em áreas adequadas das ribeiras cresciam, provavelmente, grandes quantidades de Marmulano. Nas formações arbustivas das zonas altas, mas secas, e expostas em direcção ao sul, a espécie mais frequente foi principalmente o Lantisco.

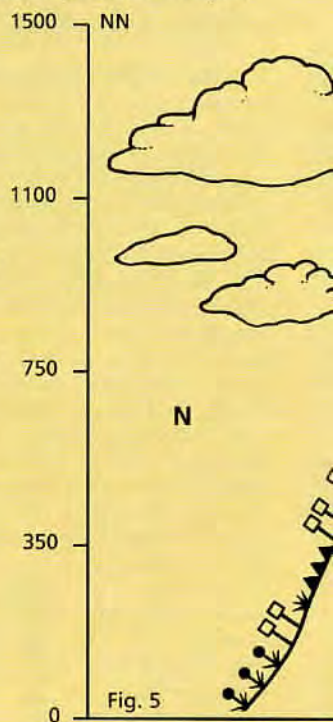


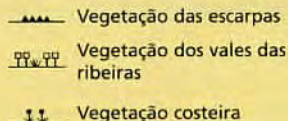
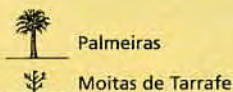
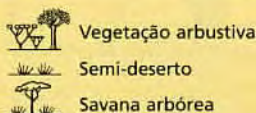
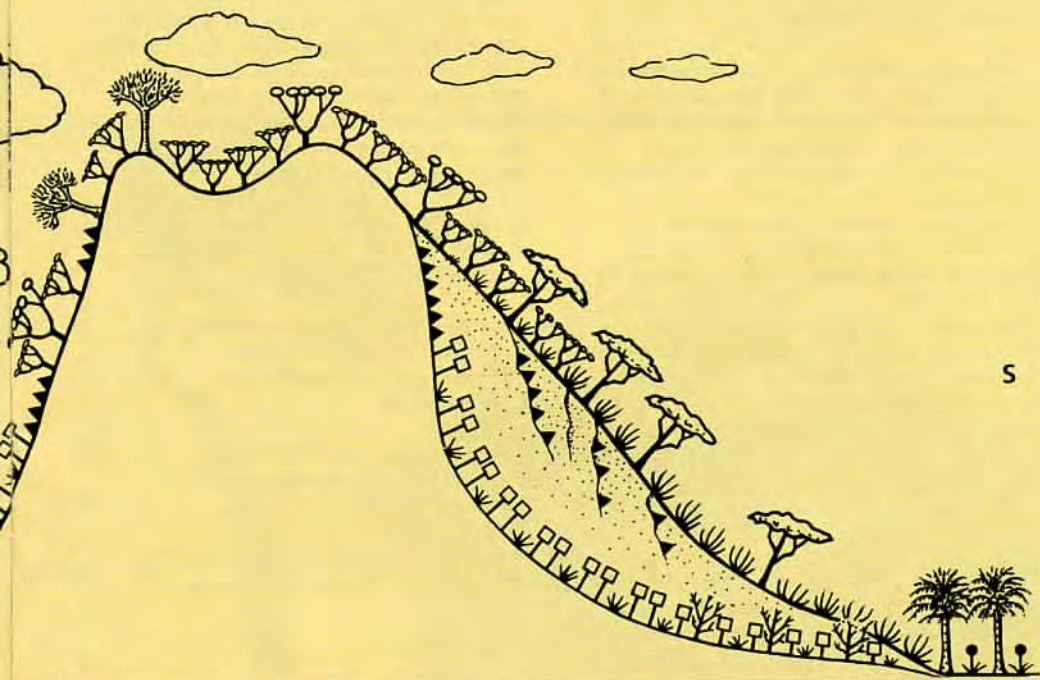
Fig. 5

Nas zonas baixas das ilhas do sul, era típica uma savana arbórea pouco densa, composta por Espinheiro-branco e diversos tipos de gramíneas.

As plantas encontram condições especialmente favoráveis ao longo das ribeiras que conduzem água. A partir de relatórios antigos, dos colonos, mas também tendo em conta o grande número de localidades com o nome de Figueira e a existência de alguns exemplares, pode-se concluir que, ao longo de muitas ribeiras eram se encontravam florestas em galeria, de Figueira-Brabo e de Tarrafe.

Em algumas zonas arenosas, costeiras, e nas áreas em que as ribeiras desaguam no mar, cresciam matas de Tarrafe, o que se pode deduzir pelo grande número de localidades com o nome Tarrafal, e de Tamareira.

Directamente nas zonas costeiras, encontram-se outras comunidades vegetais muito especializadas, compostas por espécies que podem viver de água salobra. No interior das ilhas planas, as planícies e as formações montanhosas mais baixas, estão cobertas por um revestimento escasso composto por espécies que vivem pouco tempo e que fazem parte das comunidades vegetais do semi-deserto (Fig. 5).



Ameaças

Quando os primeiros colonos chegaram a Cabo Verde há cerca de 500 anos, encontraram uma vegetação muito mais exuberante do que a de hoje. Dos seus relatórios concluímos que utilizavam a Figueira como madeira para a construção de casas e barcos. A vegetação arbustiva, dessiminada, permitia que não faltasse lenha. O sangue-de-drago, extraído do Dragoeiro, foi durante muito tempo um produto comercial de Cabo Verde, muito importante. O latex de Lantisco fornecia tanino para o curtume das peles de cabra. A pouco e pouco os homens foram descobrindo que muitas das plantas caboverdianas eram importantes plantas medicinais. Para além disso, havia pasto suficiente para cabras, burros, vacas e porcos e cedo apareceram áreas cultivadas com milho, feijões, cana de açúcar e outras plantas alimentares importantes.

Tão rapidamente como as árvores e arbustos eram cortados e as cabras destruíam a vegetação natural, esta não se podia regenerar. Por esta razão, a vegetação sofreu uma alteração dramática durante os 500 anos da colonização. A isso se junta o facto de se utilizar áreas cada vez mais afastadas para o cultivo, se conduzir sempre mais água para as plantações e de a disseminação das espécies da América, Europa e África, introduzidas pelo homem no seio das comunidades vegetais naturais, perturbar o equilíbrio destas últimas. Por não estarem acostumadas às espécies agressivas do continente, as espécies indígenas das ilhas são, com frequência, completamente reprimidas. As duas espécies originárias da América, Lantuna e Carrapato, são as que, principalmente, ameaçam os restos da vegetação natural de Cabo Verde.

Entretanto, a vegetação natural de Cabo Verde, tal como se tinha formado ao longo de milhões de anos, foi de tal modo destruída que na maioria das regiões já só existem restos. Este facto trouxe consigo novos problemas: O vento e a água transportam o solo das encostas despidas de vegetação e a água das chuvas corre tão rapidamente, que já não se infiltra suficientemente no solo, destruindo no caminho estradas e pontes,

perdendo-se assim muita água que poderia ser aproveitada pelo solo. Medidas de protecção contra a erosão são caras e a reflorestação com espécies estranhas, como o Eucalipto, traz novos problemas. Que problemas a reflorestação com outras espécies estranhas pode trazer, ainda ninguém sabe. Mas sabe-se o seguinte: A vegetação natural de Cabo Verde não produziu nenhuma floresta rica em madeira, mas originou ao longo de milhões de anos uma comunidade vegetal, que se adapta especialmente bem às condições naturais de Cabo Verde sendo capaz de suportar, sem danos, os longos períodos de seca cíclica que assolam essa latitude. A vegetação natural deve ser, por isso, considerada como, possivelmente, o revestimento óptimo, permitido pelo clima. Na utilização da terra necessária para a produção urgente de alimentos e nas tentativas de reflorestação com espécies estranhas, seria falta de senso esquecer o seguinte: Quando os últimos restos da vegetação natural forem destruídos está para sempre perdido o que a natureza criou em Cabo Verde, desde a sua formação.

Depende do engajamento de cada um de nós a conservação ou não destes restos de vegetação natural. Por isso:

- Proteja contra o desaparecimento, as espécies vegetais endémicas e indígenas que se tornaram raras em Cabo Verde.
- Apoie a conservação das últimas comunidades de plantas e de animais, ainda existentes.
- Apoie, sobretudo, a protecção e nova disseminação das espécies arbóreas endémicas.



Funcho *Tornabenea depressa*

O género *Tornabenea* é o único género endêmico de Cabo Verde. Trata-se dum género taxonômico muito complicado com espécies muito parecidas. *T. depressa* é uma espécie descrita recentemente, apresentando uma forma de crescimento muito característica, rasteira e com folhas involucrias de forma estranha. A sua existência está circunscrita à Ilha do Fogo onde habita as zonas baixas, até à altitude de 300 m.



Funcho *Tornabenea bischoffii*

Maior espécie do género *Tornabenea*, ocasionalmente até ca. de 2 m de altura, flores umbeliformes muito aromáticas. A sua existência está limitada a Sto. Antão. Esta espécie é um elemento característico da vegetação das escarpas íngremes, no nordeste da ilha, entre os 800 e 1400 m. A planta é apreciada pelos animais, principalmente cabras, e raramente se encontram exemplares sem mordeduras.



Lantisco *Periploca chevalieri*

Arbusto lenhoso, até 3 m de altura, ramos curtos, rígidos e torcidos. Folhas opostas, com pecíolos muito curtos, em forma de elipses alongadas a lineares, inteiras, agudas ou arredondadas, até 7 cm de comprimento e 1 cm de largura. Inflorescência com poucas flores, terminais ou axilares, de cimeiras. Flores, amarelo-esverdeadas. Aparece nas ilhas de Sto. Antão,

S. Nicolau, Santiago, Fogo e Brava, nas serras e frequentemente nas formações sub-húmidas e semi-áridas. Utilizada como forrageira e no curtimento de peles. Esta espécie tem vindo a ser utilizada, exageradamente, pela população como lenha, pelo que se apela à mesma que poupe esta espécie, de modo a permitir a sua multiplicação.



Gestiba *Sarcostemma daltonii*

Erva trepadeira de seiva leitosa com ramos roliços suculentos, despidos de folhas. Flores de cor amarelo-esverdeada. Aparece em Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Boavista, Santiago, Fogo e Brava, nas zonas pedregosas e áridas, próximas do mar.

Geralmente a seiva é utilizada para tratar dentes cariados. Molha-se um algodão na seiva colocando-o seguidamente no orifício do dente cariado. As dores cessam e o próprio dente sai aos bocados.



Espargo *Asparagus squarrosus*

Pequeno arbusto, muito ramificado e rasteiro pode cobrir, completamente, vastas áreas. Os ramos podem, isoladamente, atingir até 2,5 m de comprimento. As folhas estão reduzidas a escamas cortantes, nas suas hastes encontram-se rebentos

semelhantes a folhas. *A. squarrosus* cresce em áreas pedregosas e secas e pode ser encontrada nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, Sta. Luzia, S. Nicolau, Sal, Boa-vista, Maio e Santiago. É utilizada na medicina tradicional.



Losna *Artemisia gorgonum*

Arbusto aromático, revestido por uma penugem branca, até 2 m de altura. Flores minúsculas, amarelas, agrupadas em pequenas rosetas florais, pendentes, de cerca de 0,5 mm de largura. Esta espécie era, antigamente, a planta característica das zonas altas, semi-húmidas a semi-áridas a partir dos 800 m, de Sto. Antão, Santiago e Fogo. Entretanto, foi fortemente reprimida, sendo encontrada, com mais frequência, apenas em determinados locais. Planta medicinal importante.



Losna-Brabo *Conyza feae*

Arbusto esbelto, 0,3-0,6 m de altura, ramificações verticais. Folhas ligeiramente revestidas de pêlos, com menos de 1 cm de largura. Flores minúsculas, amareladas, agrupadas, em grande número, em rosetas florais de 2-4 mm de largura e estas, por sua vez, em densas paniculas umbeliformes. A espécie aparece dispersa nas encostas pedregosas ou rochosas das zonas montanhosas de Sto. Antão, S. Vicente, Santiago, Fogo e Brava. Planta medicinal.



Taba *Conyza pannosa*

Erva vivaz com caule erecto e ramificado. Folhas densamente revestidas de pêlos. Flores minúsculas, amareladas, agrupadas em número considerável, em rosetas florais de 5-10 mm de largura e estas, por sua vez, em paniculas umbeliformes frouxas. Aparece muito esporadicamente nas encostas rochosas e nas ribeiras das zonas montanhosas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santiago e Brava.



Marcelinha *Conyza varia*

Arbusto expansivo, até de 1,8 m de altura. Folhas ligeiramente revestidas de pêlos, com 0,6-3 cm de largura. Flores minúsculas, amareladas, agrupadas em grande número em rosetas florais de 3-5 mm de largura, por sua vez agrupadas em densas paniculas umbeliformes. Antigamente era encontrada, frequentemente, nos pequenos vales, levadas ou depressões das zonas montanhosas de Sto. Antão, S. Vicente (extinta), S. Nicolau, Fogo e Brava.



Tortolhinha *Launaea picridioides*

(com indicações sobre *Launaea gorgadensis* = Serralha, pequena figura a direita) Arbusto baixo, em forma de tufo, com muitas rosetas foliares inteiriçadas. Margem foliar com uma série de pequenos dentes. Inflorescência saliente. Roseta floral esguia, flores linguiformes, largas e de cor amarelo forte. *L. gorgadensis*, tem, no entanto, inflorescências erectas e rosetas florais com flores

estreitas e amarelo-pálidas. Folhas fortemente recortadas. As duas espécies podem ser encontradas em Sto. Antão, S. Vicente e S. Nicolau, nas encostas e escarpas rochosas, sobretudo na zona norte das ilhas, entre os 50 e 800 m (*L. picri*), bem como nas encostas pedregosas (*L. gorg.*), aparecendo aqui e acolá com frequência.



Serralha-de-Brava *Launaea thalassica*

Arbusto baixo com 1-5 rosetas na extremidade de ramos curtos e lenhosos. Inflorescência com ramificações salientes. Roseta floral esguia, com 6-11 flores linguiformes, amarelo-pálidas. Aparece apenas na Brava, no norte e nordeste, dispersa entre os 50 e 650 m, por vezes formando tufo.



Macela *Nauplius daltonii* ssp. *vogelii*

Arbusto em forma de tufo, até cerca de 0,5 m de altura. Folhas sedosas. Flores pequenas, amarelas, agrupadas, em grande número, em rosetas florais arredondadas de 5-15 mm de espessura. Aparece em todas as ilhas, excepto na Boavista. Espécie característica, frequente, da vegetação arbustiva das colinas e zonas montanhosas.



Macela-de-Gordo *Nauplius smithii*

Arbusto em forma de tufo, até 0,8 m de altura. Folhas sedosas. Flores pequenas, amarelas, agrupadas, em grande número, em rosetas florais arredondadas, de 15-20 mm de espessura. Esta espécie apenas aparece em Monte Gordo, S. Nicolau e forma com *Euphorbia tuckeyana* uma vegetação arbustiva

característica. A reforestação e as comunidades de Lantuna, que se expandem rapidamente, desalojam continuamente a vegetação arbustiva. Esta espécie é fortemente ameaçada, pelo facto de ter uma área de distribuição muito limitada, razão pela qual deve ser protegida o mais urgente possível.



Mato-Branco *Phagnalon melanoaleucum*

Pequeno arbusto, revestido com uma penugem branca, muito ramificado, 0,1-0,4 m de altura. Folhas com margens enroladas. Flores minúsculas, amareladas, agrupadas em grande número, em rosetas florais pontiagudas com a extremidade negra, de ca. de 5 mm de comprimento. Aparece em habitat rochosos e luminosos, das zonas montanhosas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santiago e Fogo.



Pulicaria *Pulicaria diffusa*

Erva vivaz, lenhosa na base, caules ascendentes e expansivos. Caule e folhas jovens revestidos com uma penugem branca. Flores minúsculas, amarelas, agrupadas em grande número em rosetas florais terminais, arredondadas. Planta distribuída, de modo muito disperso, nas planícies das ilhas do Sal, Boavista e Maio, localmente agrupadas, em levadas e depressões.

Coroa-de-Rei *Sonchus daltonii*

Pequeno arbusto com 1-6 rosetas foliares muito grandes, até 0,9 m de altura, pequeno tronco lenhoso. Folhas até 50 cm de comprimento. Flores pequenas, linguiformes, mais de uma centena agrupadas em rosetas florais, arredondadas, com mais de 20 mm de espessura. A espécie é encontrada nas encostas e escarpas rochosas das zonas húmidas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santiago e Fogo a partir dos 700 m. Devido ao facto de ser colhida como pasto para os animais é raro encontrar indivíduos com o típico pequeno tronco lenhoso. Em S. Vicente e Santiago apenas se conhecem alguns poucos exemplares.



Mato-Branco *Tolpis farinulosa*

Arbusto baixo com 1-3 rosetas foliares na extremidade dum tronco pequeno, curto e lenhoso. Folhas com margens inteiras a profundamente pinuladas. Flores minúsculas, amarelas, linguiformes, agrupadas, em grande número, numa roseta

esbelta que não chega a 10 mm de comprimento. É encontrada nas encostas e escarpas rochosas das zonas húmidas de Sto. Antão, S. Vicente, Fogo e Brava, a partir dos 700 m. A espécie tornou-se muito rara em S. Vicente e na Brava.



Língua-de-Vaca

Echium hypertropicum

Arbusto até 2 m de altura. Ramos jovens cobertos de pêlos compridos e rígidos. Folhas em forma de lança alargada até 20 cm de comprimento e 5 cm de largura. Inflorescência densa ovóide de cimeiras laterais em regra simples. Flores esbranquiçadas, arroxeadas ou azuladas. É encontrada em Santiago e Brava, nas escarpas e zonas de cultura a partir de 700 m de altitude. Utilizada para a produção de lenha e destruída a favor da procura de espaços para a prática de agricultura de sequeiro, esta espécie carece de protecção imediata.



Língua-de-Vaca

Echium stenosisiphon ssp. *stenosisiphon*

Arbusto até 1 m de altura. Caule acastanhado coberto de pêlos compridos e rígidos ou quase sem pêlos. Folhas em forma de ovo ou de lança, até 10 cm de comprimento e 5 cm de largura, geralmente quase arredondadas no vértice. Inflorescência com poucas flores. É encontrada nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente

e S. Nicolau, nas encostas e nos terrenos incultos, a partir de 500 m de altitude. Utilizada na medicina tradicional (xarope para tosse) e como pasto. Frequentemente destruída a favor da obtenção de maiores espaços para a prática de agricultura de sequeiro, esta planta carece de protecção imediata.



Lingua-de-Vaca *Echium vulcanorum*

Arbusto muito ramificado, até 1,5 m de altura. Caule coberto por um revestimento de pêlos denso. Folhas em forma de lança até 10 cm de comprimento e 1,5 cm de largura. Inflorescência densa, quase cônica, até 18 cm de comprimento, de cimeiras laterais simples. Corola até 10 mm de comprimento, em forma de funil, branca a azulada. Exclusiva das encostas do vulcão da

Illa do Fogo. Frequente nos solos cobertos por lapilli, nas encostas do vulcão a partir de 1800 m de altitude. Muito explorada para a produção de lenha e destruída pelas cabras, esta espécie está seriamente ameaçada de extinção, pelo que medidas de protecção devem ser tomadas com a urgência possível.



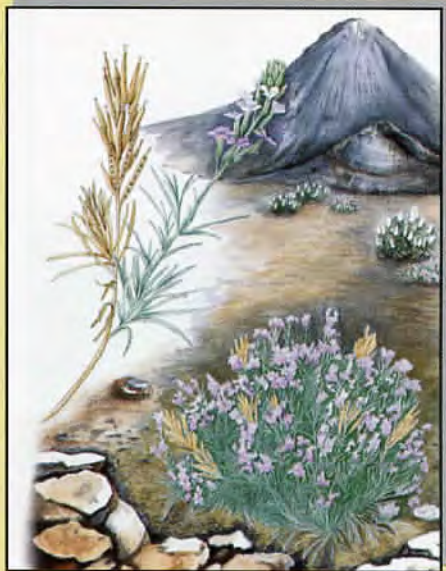
Mostarda-Brabo *Diplotaxis glauca*

Erva vivaz, até 0,8 m de altura. Caule com base lenhosa, folhoso, verde-acinzentado. Folhas em forma de elipses a muito estreitas até 5 cm de comprimento e 3 cm de largura, verde-acinzentadas, desigualmente dentadas, esparsamente cobertas de pêlos compridos e rígidos. Cacho com 30-50 flores. Pétalas amarelas, até 15 mm de comprimento. Exclusiva da Ilha do Sal. Utilizada como pasto para caprinos.



Mostarda-Brabo *Diplotaxis gracilis*

Erva vivaz, até 0,7 m de altura, muito ramificada desde a base, com ramos mais delgados do que o caule. Folhas em forma de ovo, com pêlos, ligeiramente suculentas, até 5 cm de comprimento e 3 cm de largura. Flores amarelo-pálidas. É encontrada no oeste de S. Nicolau, em rochas húmidas, entre os 600 e 1200 m de altitude.



Cravo-Brabo *Erysimum caboverdeanum*

Pequeno arbusto, até 0,6 m de altura. Caule erecto e anguloso. Folhas estreitas até 4 cm de comp. e 0,2 cm de larg., finamente dentadas. Flores lilazes. Fruto muito estreito, erecto, até 6 cm de comp. e 0,2 cm de largura. Só no Fogo. Frequente nos solos cobertos por lapili, na encosta do vulcão, altitude entre os 1600 e 2300 m. Muito utilizada na medicina tradicional, esta espécie está na lista das espécies ameaçadas de extinção.



Sempre-Noivinha

Lobularia canariensis* ssp. *fruticosa

Pequeno arbusto perene, quase erecto, até 0,4 m de altura. Folhas em forma de lança a lineares, até 2 cm de comprimento e 1,5 cm de largura. Pétalas esbranquiçadas. É encontrada nas ilhas de Sto. Antão, S. Nicolau, Santiago, Fogo e Brava, frequente nos rochedos e zonas de cultura. Planta ornamental.



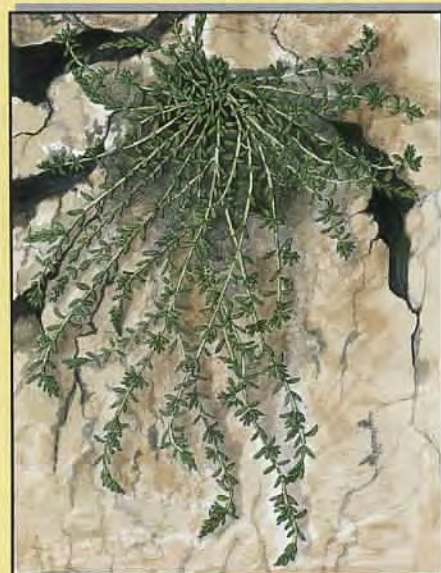
Contra-Bruxas-Branca *Campanula bravenis*

Erva vivaz, muito ramificada, lenhosa na base. Flores alongadas, com corola estreita, esverdeadas a brancas, raramente violetas. Habita escarpas úngremes húmidas e sombreadas e muros, à sombra de outras plantas. É encontrada apenas nas ilhas do sul, Santiago, Fogo e Brava. Pode também vir a ter interesse ornamental.



Contra-Bruxas-Azul *Campanula jacobaea*

Erva vivaz, muito ramificada, lenhosa na base. Flores em forma de sino, azul a violeta-escuro, raramente brancas. Habita as escarpas úngremes semi-húmidas a húmidas e muros. É encontrada, frequentemente, nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau e Santiago, principalmente entre os 500 e 1000 m. Planta medicinal tradicional, importante. Pode vir a ter interesse ornamental.



Palha-de-Formiga *Paronychia illecebroides*

Erva vivaz, prostrada. Caule robusto em regra ramificado, lenhoso na base. Folhas, lineares a lanceoladas, até 1,2 cm de comprimento e 0,3 cm de largura, quase espessas. Flores esverdeadas a castanho-escuro. Espécie encontrada em Sto. Antão, S. Vicente, Sta. Luzia, S. Nicolau, Boavista, Maio, Santiago e no Fogo, nos solos pedregosos do litoral, até 2300 m de altitude. A planta é utilizada no fabrico de um xarope com agrião de-água.



Palha-Bidião *Polycarpha gayi*

Erva vivaz de base lenhosa ou pequeno arbusto. Folhas opostas, arredondado-espataladas até 4 cm de comp. e 1 cm de largura. Flores brancas até 0,4 mm de comprimento. É encontrada nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Sta. Luzia, Santiago e no Fogo, nos rochedos, desde o nível do mar até 2400 m. Utilizada como isca para pescar uma espécie de peixe chamada vulgarmente Bidião.



Piorno-de-Flor-Amarela
Helianthemum
gorgoneum

Pequeno arbusto até 0,5 m de altura, 0,5 a 0,8 m de largura, folhas inteiras, elípticas, revestidas por pêlos fracos e densos, verde-acinzentadas. Flores amarelas fasciculadas. É encontrada em Sto. Antônio, Ilhéu Branco, Fogo e Brava. Frequente nas zonas altas entre os 800 e 1800 m de altitude, e também a nível do mar. Utilizada no combate de piolhos nos animais.



Saião *Aeonium gorgoneum*

Pequeno arbusto perene até 0,3 m de altura com caule lenhoso. Folhas suculentas, em rosetas estreladas, em forma de espátula ou de ovo na posição invertida, até 5 cm de comp. e 3 cm de larg., verde a verde-acinzentadas, com margens purpúreas. Ramos floríferos até 15 cm de comp.. Pétalas amareladas. Aparece nas ilhas de Sto. Antônio, S. Vicente e S. Nicolau. Frequente em rochedos e escarpas. Planta ornamental.



Balsamo *Umbilicus schmidtii*

Erva vivaz, com tubérculo, até 0,3 m de altura. Folhas dispostas duas a duas envolvendo o caule nos pontos de inserção, suculentas, até 6 cm de diâmetro. Corola em forma de campânula até 7 mm de comprimento, verde-esbranquiçadas, por vezes tingida de rosa. É encontrada nas ilhas de Sto. Antônio, S. Nicolau, Santiago e Fogo. Frequente em sítios húmidos, nas fendas de rochedos, a partir de 1000 m de altitude.



Tortolho *Euphorbia tuckeyana*

Arbusto de pequeno a médio porte atingindo 3 m de altura, com seiva leitosa, lenhoso na base e caules carnudos, ramificados. Folhas em rosetas, em forma de elipse alongada e sem pêlos. Flores amarelas, campanuladas.

É encontrado em Sto. Antônio, S. Nicolau, S. Vicente, Sal, Santiago, Fogo e Brava. Frequente nos solos pedregosos entre os 200 e 1600 m de altitude. Utilizado no curtimento de peles.



Piorno *Lotus purpureus*

As espécies de *Lotus* de Cabo Verde não são fáceis de diferenciar. Actualmente são conhecidas cerca de 10 taxas diferentes. Habitam as costas (p. ex. *L. brunneri* no Sal), mas também são encontradas nos terrenos pedregosos das zonas altas (*L. Jacobeaus* e *L. purpureus*). Todas as espécies são lenhosas na base. O *Lotus purpureus*, aqui descrito, é um exemplo de uma espécie com um crescimento erecto evidente. Outras espécies, principalmente as que crescem na zona costeira, têm um crescimento rasteiro. A planta é colhida como pasto para os animais. Espécie encontrada em Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santiago, Fogo e Brava.



Palha-de-Engodo

Frankenia ericifolia ssp. *caboverdeana*

Ervã pequena, de crescimento erecto, até 0,3 m de altura. O tamanho das folhas e flores é de apenas alguns mm. Esta

sub-espécie, tolerante ao sal, apresenta, frequentemente, folhas incrustadas de sal. Cresce em terreno ligeiramente pedregoso, nas proximidades da costa. É encontrada em Sto. Antão e S. Nicolau.



Fel-da-Terra

Centaurium tenuiflorum ssp. *viridense*

Erva anual até 0,3 m alta, com frouxa roseta de folhas basilares. Folhas em forma de ovo a elípticas; até 2 cm de comprimento e 1,5 cm de largura. Flores rosadas ou arroxeadas até 17 mm de comprimento, com ou sem pedicelos. Aparece nas ilhas de Santiago, Fogo e Brava. Sub-espécie pouco frequente, encontrando-se nas zonas de altitude de 600 a 1700 m (2800 m na Ilha do Fogo).



Mato-Botão *Globularia amygdalifolia*

Arbusto lenhoso, até 1,5 m de altura, caule com muitos ramos, folhas em forma de lança, de cor verde quando jovens, tornando-se, depois, acinzentadas. Inflorescência com um pedunculo axilar delgado de 3-4 cm e flores azuladas ou arroxeadas. Encontra-se nas ilhas de Sto. Antão, S. Nicolau, Santiago, Fogo e Brava, em pouco número, nas rochas e terrenos áridos, sobretudo entre os 800 e 1600 m, descendo por vezes até ao nível do mar.



Aipo *Lavandula rotundifolia*

Arbusto até 1 m de altura. Folhas com forma de elipse alongada a forma de ovo, até 7 cm de comprimento. Flores azulado-arroxeadas ou azul arroxeadas, até 13 mm longas. É encontrada nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santiago e Fogo. Pioneiras nas escarpas, fendas rochosas e em solos de escórias vulcânicas, até 2300 m de altitude. Forrageira, excepto para os suínos. Planta medicinal utilizada contra dores de barriga.



Erva-Cidreira *Micromeria forbesii*

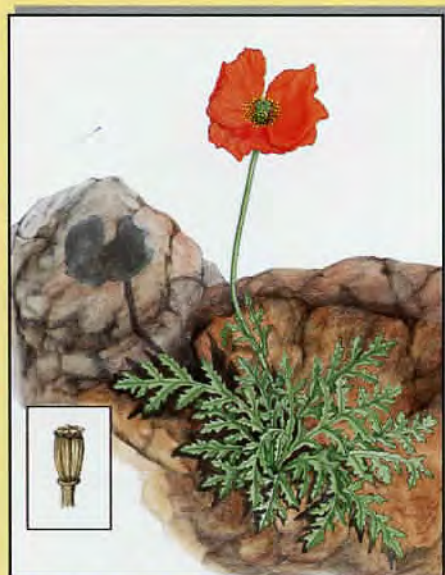
Erva vivaz, quase prostrada, até 0,3 m de altura. Caule difuso, muito ramificado. Folhas com pecíolos curtos, em forma de elipse alongada, até 0,6 cm de comprimento e 0,4 cm de largura. Flores violeta ou arroxeadas até 10 mm de comprimento. Esta espécie aparece nas ilhas de Sto. Antão, S. Nicolau, Santiago, Fogo e na Brava, nas zonas húmidas das escarpas. Utilizada em infusão na cura da tosse.



Lolo Fino *Sida coutinhoi*

Erva perene com base ramosa, erecta de 0,2 a 0,4 m de altura. Folhas elípticas, revestidas por pêlos fracos e densos, alternadas, inteiras de cor acinzentada, margens serradas e vértice arredondado. Flores amarelas ou cremes, em fascículos axilares.

Aparece nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Boavista, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Frequente nas zonas áridas de pastagens entre os 20 e 250 m de altitude. Utilizada como pasto, serve para fazer vassouras e cordas para sacos.



Papoila-de-Cabo-Verde

Papaver gorgoneum* ssp. *gorgoneum

Erva anual, não ramificada, até 0,3 m de altura. As cápsulas, que apresentam menos de 10 estrias, são uma das características desta espécie. É encontrada em S. Nicolau e Fogo. No Fogo são conhecidas formas anãs de poucos cm de altura. Habita locais pedregosos, secos a semi-húmidos.



Papoila-Theresia

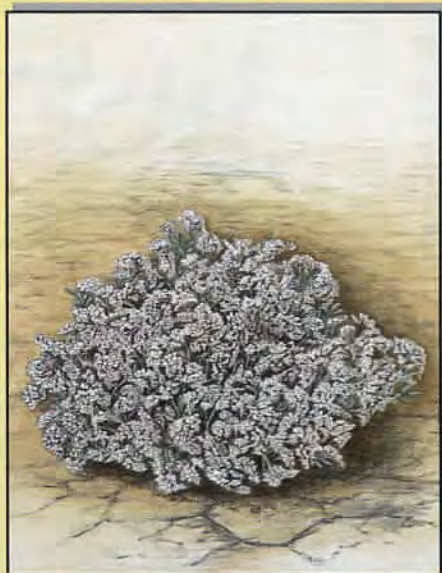
Papaver gorgoneum* ssp. *theresias

Erva anual-bianual, ramificada, lenhosa na base, até 0,5 m de altura. As cápsulas das sementes têm 10-30 estrias. Esta sub-espécie é apenas encontrada em Sto. Antão.



Carqueja *Limonium braunii*

Erva perene. Folhas em rosetas basais e em rosetas mais pequenas nos vários caules, rasteiros e com apêndices. Inflorescência com hastes que apresentam apêndices. Flores pequenas agrupadas em espigas compactas. Espécie frequente das zonas costeiras nortenhas, pedregosas e rochosas de Sto. Antão, S. Nicolau, Fogo e Brava.



Carqueja *Limonium brunneri*

Erva perene. Folhas em roseta basal. Caule sem folhas, quase erecto. Inflorescências com hastes angulosas. Flores pequenas, agrupadas em espigas compactas. Cresce em solos arenosos e argilosos, por vezes espécie frequente das zonas costeiras áridas, dos ilhéus Branco e Razo e das ilhas do Sal e de S. Vicente.



Carqueja *Limonium jovi-barba*

Pequeno arbusto com várias rosetas foliares, rasas, na extremidade dos ramos curtos revestidos por muitas folhas murchas. Folhas até 12 cm de comprimento. Inflorescência com hastes ramificadas e angulosas. Flores pequenas agrupadas em pequenas espigas. A espécie apenas é encontrada no Monte Verde e Monte António Gomes em S. Vicente e no oeste de S. Nicolau, nas fendas húmidas das escarpas rochosas, sobretudo entre os 50 e 450 m.



Carqueja-de-Santiago *Limonium lobinii*

Pequeno arbusto com várias rosetas foliares em forma de ninho, na extremidade dos ramos curtos revestidos de um grande número de folhas murchas. Folhas até 10 cm de comprimento. Inflorescência com hastes que apresentam apêndices. Flores pequenas agrupadas em espigas compactas. A espécie é encontrada apenas na Serra da Malagueta, em Santiago, entre os 500 e 800 m de altitude, nas escarpas rochosas situadas na direcção nordeste.



Alecrim-Brabo
Campylanthus glaber ssp. glaber

Pequeno arbusto rasteira, perene, folhas muito estreitas (0,05-0,2 cm de largura), moles e ligeiramente suculentas. Flores pequenas (6-9 mm de comprimento). Muito dessiminada nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santiago, Fogo e Brava, mas não é uma espécie frequente. É encontrada em locais semi-áridos a semi-húmidos entre os 200 e 1400 m.



Alecrim-Brabo-de-Folha-Gorda
Campylanthus glaber ssp. spatulatus

Pequeno arbusto semelhante, com folhas claramente mais largas (0,5-0,9 cm de largura) e muito suculentas. As flores também são maiores (8-10 mm de comprimento). Está limitada a Sto. Antão, onde é encontrada em locais próximos da costa nas zonas semi-áridos e abaixo dos 200 m.



Agrião-de-Rocha *Kickxia webbiana*

As espécies deste género são muito variáveis e não são fáceis de diferenciar. Flores típicas das Escrofularáceas pequenas, amarelas. *K. webbiana* diferencia-se muito bem de todas as



outras espécies a través das suas folhas grandes, em forma de rim a oval, por vezes muito suculentas. É encontrada em Sto. Antão e S. Vicente em locais semi-húmidos a húmidos das escarpas íngremes.



Sabão-de-Feiteira *Verbascum capitis-viridis*

Erva até 1,2 m de altura, ramificada, geralmente, apenas na zona da inflorescência. Flores grandes, evidentes e folhas com muitos pêlos e pecíolos muito curtos. Encontrada nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Boavista (extinta), Maio e Santiago. Em princípio pode ser frequentemente encontrada e é muito variável nas suas exigências ecológicas. Planta medicinal tradicional.



Mato-Branco *Verbascum cystolithicum*

Pequeno arbusto perene até 0,4 m de altura, muito ramificada, lenhosa na base, folhas com um grande e evidente pecíolo. A planta tem exigências ecológicas muito pronunciadas e só é encontrada no Fogo, constituindo um elemento característico das escórias de lava, na Caldeira e Bordeira.



Ortiga *Forsskaolea procrdifolia*

Pequeno arbusto até 1,2 m de altura. Folhas alternas, em forma de lança, agudas, até 17 cm de comprimento e 5,5 cm de largura, ásperas, verdes superiormente, e com uma penugem cor de cinza, inferiormente, margens serrado-dentadas. Flores unisexuais. Espécie encontrada em Sto. Antão, S. Vicente, Sta. Luzia, S. Nicolau, Sal, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Frequente

em solos pedregosos, nas fendas das rochas e nas escórias vulcânicas desde o nível do mar até 2200 m de altitude. Utilizada na alimentação de animais como forrageira, e na medicina tradicional. A sua infusão alivia a asma.



Dragoeiro *Dracaena draco*

Árvore, que pode atingir até 10 m de altura. As folhas agrupadas na extremidade dos ramos são fortes, ponteadas com 50-75 cm de comprimento. O Dragoeiro era encontrado, antigamente, em Sto. Antão, S. Nicolau, Santiago e Fogo. Crescia, principalmente, nas encostas dirigidas para nord-este, entre os 500 e 900 m de altitude. Actualmente a sua presença está limitada, com excepção de S. Nicolau, essencialmente às escarpas inacessíveis. Em Santiago

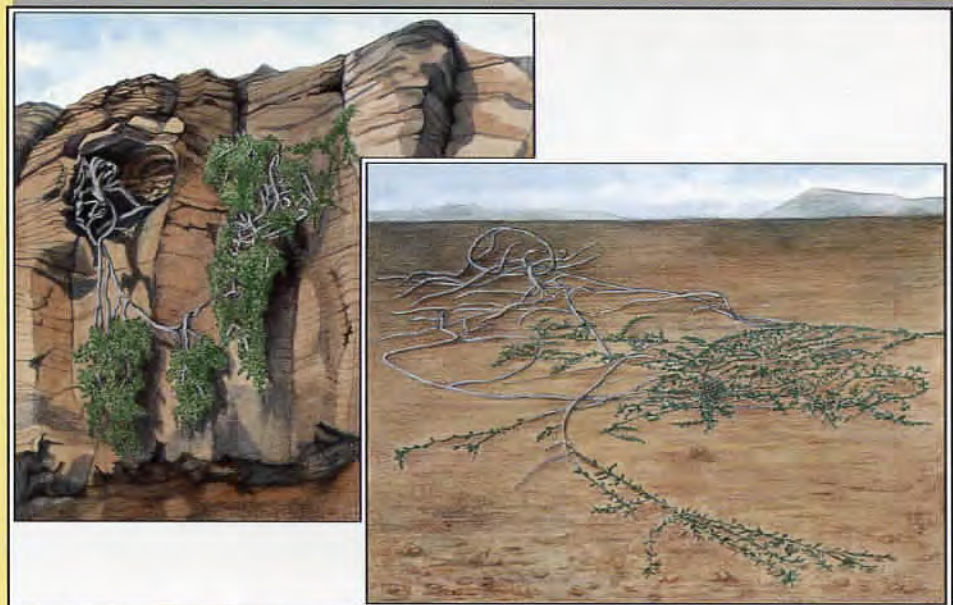
já não existem exemplares naturais. Para que esta imponente árvore não se extinga em Cabo Verde, são necessárias medidas de protecção especiais. Por essa razão a utilização do Dragoeiro na reflorestação deveria ser mais alargada. O denominado sangue-de-drago costuma ser utilizado na medicina tradicional como remédio contra dores.



Tamareira *Phoenix atlantica*

Única palmeira indígena de Cabo Verde. Esta palmeira que pode atingir até 10 m de altura, cresce, principalmente, nas costas arenosas e nas ribeiras situadas junto à costa. Aparece nas ilhas de Sta. Luzia, Sal, Boavista, Maio e Santiago. É facilmente confundida com a palmeira do Saará. Raramente

se encontram comunidades exclusivas (naturais). Planta útil muito importante. As folhas e frutos são utilizados na alimentação de animais; os frutos também são comidos pelos homens e as folhas são utilizadas em trabalhos de cestaria.



Bruta *Cocculus pendulus*

Arbusto muito ramificado, com ramos muito compridos, de crescimento rasteiro ou em altura, à volta de árvores, semelhante às lianas. As folhas são pequenas e sempre verdes. A espécie aparece quase que exclusivamente em escarpas

ingremes. Observações feitas nas ilhas demonstram que, antigamente, *Cocculus* constituía uma parte importante da cobertura vegetal das zonas áridas das ilhas. É encontrado na Boavista, Maio e Santiago.



Espinheiro-Branco *Acacia albida*

Uma das poucas árvores indígenas de Cabo Verde que pode atingir até 10-20 m de altura. Os exemplares velhos apresentam uma copa típica em forma de guarda-chuva. Actualmente, os exemplares que se encontram foram plantados, no entanto, antigamente encontrava-se disseminada numa larga área e era uma espécie característica de uma savana arbórea pouco densa,

na parte sudoeste das ilhas. Esta espécie diferencia-se da espécie, essencialmente plantada, originária da América do Sul, *Acacia americana* (*Prosopis*), através dos frutos pequenos e retorcidos. A planta é, frequentemente, utilizada como pasto para os animais (folhas e frutos). *A. albida* deveria ser utilizada mais frequentemente na reforestação.



Figueira-Brabo

Ficus sycomorus ssp. *gnaphalocarpa*

Esta espécie de figueira pode tornar-se muito grande (20 m). A sua percentagem originária na vegetação, é difícil de ser estimada. Também não está muito claro qual era o habitat originário desta espécie, por se encontrar, actualmente,

fortemente reprimida, devido à forte utilização pelo homem. Hoje encontram-se os últimos exemplares que crescem naturalmente, apenas em escarpas íngremes inacessíveis nas ilhas de Sto. Antão, S. Vicente, Boavista, Maio, Santiago e Fogo. Os frutos são comestíveis.



Marmulano *Sidereoxyton marginata*

A altura desta árvore é difícil de indicar, pois esta espécie foi empurrada, pelo homem, para as escarpas íngremes e para além disso os exemplares existentes encontram-se muito mordidos e cortados. Possivelmente podem atingir até 12 m de altura. Tronco pequeno ou ramificado perto da base. Folhas sempre

verdes, até 10 cm de comprimento e 6 cm de largura. Planta útil muito importante e muito apreciada. Conhecida em Sto. Antão, S. Vicente, S. Nicolau, Santiago, Fogo e Brava. Esta espécie também deveria ser utilizada, em grande massa, na reflorestação, podendo, assim, desta maneira, ser protegida contra a extinção.



Tarrafé *Tamarix senegalensis*

Arbusto grande, 2-5 m de altura, muito ramificado, folhas muito pequenas em forma de escamas. Por vezes forma-se um tronco visível. Espécie característica de ribeiras próximas da costa e estuários, onde habita solos pouco compactos. O Tarrafé também é encontrado nas dunas móveis. A planta encontrava-se, antigamente, muito disseminada, o que se explica pelo nome, „Tarrafal“, dado muito

frequentemente a localidades. Actualmente a espécie encontra-se muito diminuída devido ao corte de lenha. Planta medicinal tradicional.



Carex Carex antoniensis

Erva até 0,7 m de altura. As folhas com margens cortantes podem atingir até 75 cm de comp.. As flores masculinas encontram-se apenas numa só espiga, estas são mais estreitas que as femininas. A existência desta espécie está limitada à parte nordeste de Sto. Antão. Aqui, cresce em locais muito húmidos, frequentemente utilizados para a cultura do inhame. *C. antoniensis* está, por essa razão, ameaçado de extinção.

Carex Carex paniculata ssp. hansenii

Erva perene, que cresce em moitas, cujo talo pode atingir até 1,2 m de altura. Diferencia-se de *C. antoniensis* pelo facto de as espigas masculinas e femininas serem constituídas da mesma maneira. *C. paniculata ssp. hansenii* é também, raramente, encontrada no nordeste de Sto. Antão e encontra-se em perigo de extinção. Esta sub-espécie endémica foi descrita recentemente.

Agrião-de-Rocha; *Kickxia webbiana* (Schmidt) Rustan et Brochm. (Scrophulariaceae)...P.25
 Aipo; *Lavandula rotundifolia* Benth. (Lamiaceae)...P.22
 Alecrim-Brabo; *Campylanthus glaber* Benth. ssp. *glaber* (Scrophulariaceae)...P.25
 Alecrim-Brabo-de-Folha-Gorda; *Campylanthus glaber* ssp. *spathulatus* Chev. (Scrophulariaceae)...P.25
 Balsâmo; *Umbilicus schmidtii* Bolle (Crassulaceae)...P.19
 Bruta; *Cocculus pendulus* (Forst. fil.) Diels (Menispermaceae)...P.28
 Carex; *Carex antoniensis* Chev. (Cyperaceae)...P.32
 Carex; *Carex paniculata* ssp. *hansenii* Lewejoh. & Lobin (Cyperaceae)...P.32
 Carqueja; *Limonium braunii* (Bolle) A. Chev. (Plumbaginaceae)...P.24
 Carqueja; *Limonium brunneri* (Webb) Kuntze (Plumbaginaceae)...P.24
 Carqueja; *Limonium jová-barba* (Webb) Kuntze (Plumbaginaceae)...P.24
 Carqueja-de-Santiago; *Limonium lobinii* N. Kilian & Leyens (Plumbaginaceae)...P.24
 Contra-Bruxa-Azul; *Campanula jacobaea* Chr. Sm. ex Webb (Campanulaceae)...P.18
 Contra-Bruxa-Branca; *Campanula bravensis* (Bolle) Chev. (Campanulaceae)...P.18
 Coroa-de-Rei; *Sonchus daltonii* Webb (Asteraceae)...P.14
 Cravo-Brabo; *Erysimum caboverdeanum* (Chev.) Sund. (Brassicaceae)...P.17
 Dragoeiro; *Dracaena draco* L. (Agavaceae)...P.27
 Erva-Cidreira; *Micromeria forbesii* (Benth) Briq. (Lamiaceae)...P.22
 Espargo; *Asparagus squarrosus* J. A. Schmidt (Asparagaceae)...P.10
 Espinheiro-Branco; *Acacia albida* Del. (Mimosaceae)...P.29
 Fel-da-Terra; *Centaurium tenuiflorum* ssp. *viridense* (Bolle) Hans. & Sund. (Gentianaceae)...P.22
 Figueira-Brabo; *Ficus sycomorus* ssp. *gnaphalocarpa* (Miq.) C. C. Berg (Moraceae)...P.29
 Funcho; *Tornabenea bischoffii* (J. A. Schmidt) (Apiaceae)...P.9
 Funcho; *Tornabenea depressa* K. Schmidt & Lobin (Apiaceae)...P.9
 Gestiba; *Sarcostemma daltonii* Dcne. (Asclepiadaceae)...P.10
 Lantisco; *Periploca chevalieri* Brow. (Asclepiadaceae)...P.9
 Língua-de-Vaca; *Echium hypertropicum* Webb (Boraginaceae)...P.15
 Língua-de-Vaca; *Echium stenosphon* Webb ssp. *stenosphon* (Boraginaceae)...P.15
 Língua-de-Vaca; *Echium vulcanorum* Chev. (Boraginaceae)...P.16
 Lolo-Fino; *Sida coutinhoi* Paiva et Nogueira (Malvaceae)...P.23
 Losna; *Artemisia gorgonum* Webb (Asteraceae)...P.11
 Losna-Brabo; *Conyza feae* (Bég.) Wild. (Asteraceae)...P.11
 Macela; *Nauplius daltonii* ssp. *vogelii* (Webb) Wikl. (Asteraceae)...P.12
 Macela-de-Gordo; *Nauplius smithii* (Webb) Wikl. (Asteraceae)...P.13
 Marcelinha; *Conyza varia* (Webb) Wild (Asteraceae)...P.11
 Marmulano; *Sideroxylon marginata* (Decne.) Cout. (Sapotaceae)...P.30
 Mato-Botão; *Globularia amygdalifolia* Webb (Globulariaceae)...P.22
 Mato-Branco; *Phagnalon melanoleucum* Webb (Asteraceae)...P.13
 Mato-Branco; *Tolpis farinulosa* (Webb) J. A. Schmidt (Asteraceae)...P.14
 Mato-Branco; *Verbascum cystolithicum* Petters. (Scrophulariaceae)...P.26
 Mostarda-Brabo; *Diploaxis glauca* (J. A. Schmidt) O. E. Schulz (Brassicaceae)...P.17
 Mostarda-Brabo; *Diploaxis gracilis* (Webb) E. O. Schulz (Brassicaceae)...P.17
 Ortiga; *Forsskaolea procrifidifolia* Webb (Urticaceae)...P.26
 Palha-Bidião; *Polycarpaea gayi* Webb (Caryophyllaceae)...P.18
 Palha-de-Engodo; *Frankenia ericifolia* ssp. *caboverdeana* Brochm. et al. (Frankeniaceae)...P.21
 Palha-de-Formiga; *Paronychia illecebroides* (Chr. Sm. ex Webb) Webb (Caryophyllaceae)...P.18
 Papoila-de-Cabo-Verde; *Papaver gorgoneum* Cout. ssp. *gorgoneum* (Papaveraceae)...P.23
 Papoila-Theresia; *Papaver gorgoneum* ssp. *theresias* Kadereit & Lobin (Papaveraceae)...P.23
 Piorno; *Lotus purpureus* Webb (Fabaceae)...P.21
 Piorno-de-Flor-Amarela; *Helianthemum gorgoneum* Webb (Cistaceae)...P.19
 Pulicaria; *pulicaria diffusa* (Shuttlew) Pett. (Asteraceae)...P.13
 Sabão-de-Feiteira; *Verbascum capitis-virdis* Huber-Morath (Scrophulariaceae)...P.26
 Saião; *Aeonium gorgoneum* J. A. Schmidt (Crassulaceae)...P.19
 Sempre-Noivinha; *Lobularia canariensis* ssp. *fruticosa* (Webb) Borgen (Brassicaceae)...P.17
 Serralha; *Launaea gorgadensis* (Bolle) Kilian (Asteraceae)...P.12
 Serralha-de-Brava; *Launaea thalassica* N. Kilian, Brochman & Rustan (Asteraceae)...P.12
 Taba; *Conyza pannosa* Webb (Asteraceae)...P.11
 Tamareira; *Phoenix atlantica* Chev. (Arecaceae)...P.28
 Tarrafe; *Tamarix senegalensis* DC. (Tamaricaceae)...P.31
 Tortolhinha; *Launaea picridioides* (Webb) Engl. (Asteraceae)...P.12
 Tortolho; *Euphorbia tuckeyana* Steud ex Webb (Euphorbiaceae)...P.20